

As Mulheres e a Terra como representações de modos sutis e complexos da realidade histórica da *Guerra de Canudos*

Women and the Land as Subtle and Complex Representations of the Historical Reality of the *Canudos War*

Magda Guadalupe dos Santos*

RESUMO

Neste estudo se investiga como a narrativa euclidiana em *Os Sertões* esboça nuances metafóricas e comparativas entre as mulheres e a terra e reproduz modos sutis e complexos sobre a realidade histórica da Guerra de Canudos. Não se trata de estudo linearmente proposto com simples crítica ao silenciamento sobre o perfil do feminino na cultura sertaneja expresso nos conflitos em Belo Monte. O estudo insiste na *Teoria dos Efeitos* em que o modo de ler um texto exige acuidade de visão para que a complexidade textual possa ser realçada em vários alcances interpretativos.

Palavras-chave: Mulheres e ações heroicas; O feminino em *Os Sertões*; Os efeitos da leitura textual.

ABSTRACT

This study investigates how Euclides da Cunha's narrative in *Os Sertões* outlines metaphorical and comparative nuances between women and the land and reproduces subtle and complex ways of interpreting the historical reality of the Canudos War. This is not a straightforward study, simply criticizing the silencing of the feminine profile in sertanejo culture, as expressed in the conflicts at Belo Monte. The study emphasizes the *Theory of Effects*, which states that reading a text requires acuity of vision so that textual complexity can be highlighted across multiple interpretive spectrums.

Keywords: Women and heroic actions; The feminine in *Os Sertões*; The effects of textual reading.

1 INTRODUÇÃO

O tema da invisibilidade do Feminino em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, obra publicada em 1902, já tem sido discutido de várias perspectivas, literárias, linguísticas, histórico-culturais, assim como da ótica de estudos de gênero.

Em especial, as teorias feministas trabalham as teses de apagamento ou invisibilidade das mulheres, nas narrativas literárias, como um dos desenhos e desejos de dominação e violência impostos ao feminino da cultura. Esta hostilidade reflete a subalternidade e opressão, em termos fáticos e deonticos, impostas às mulheres em sociedade, os valores historicamente

Artigo submetido em 5 de outubro de 2025 e aprovado em 20 de outubro de 2025.

* Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. FaE. UEMG. Pesquisadora de Filosofia e Teorias Feministas. Integrante do Conselho Editorial (*Editorial Board*) de *Simone de Beauvoir Studies*. Integrante dos Grupos de Trabalhos (GT): “Desconstrução, Alteridade e Linguagem” e “Filosofia e Gênero” da ANPOF. Brasil. E-mail: magda.santos@uemg.br

construídos se expressando em bases patriarcais, coloniais e misóginas. Contudo, é importante mencionar que as teorias feministas não se acomodam a leituras meramente vitimistas sobre a condição das mulheres na história e na cultura. Em novas projeções hermenêuticas, outros referenciais epistemológicos são considerados para além dos modelos colonialistas, em que, especialmente, o agenciamento feminino se expressa a contragosto da estrutura do poder e de vozes conservadoras.

Se a colonização europeia, a partir do século XVI, reduziu à indignidade histórica, nas Américas, tanto os povos originários, desterrados e assassinados, quanto os povos africanos, escravizados e compelidos a trabalhos servis e forçados, também os corpos das mulheres foram sexualmente colonizados, para garantia atemporal dos comandos patriarcais, perpassando os séculos e a história ao nosso entorno. Epistemologias feministas retomam a história para contradizer e modificar o semblante de submissão projetado por tal viés interpretativo. Vozes de mulheres sempre se ergueram, mas têm sido ouvidas, desde meados do século XX, para refazer a história em novas pautas hermenêuticas e axiológicas. Segundo Ana Maria Bach (2014, p. 40), a epistemologia feminista se realça como ferramenta analítica para que o reconhecimento das vozes femininas possa se fazer ouvir de forma categórica, sejam elas negras ou brancas, indígenas ou orientais, em seu pluralismo social, todas como sujeitos ativos de conhecimento.

Em especial, ao final do século XIX, quando do acontecimento da Guerra de Canudos, a feição de submissão feminina parecia naturalmente determinada, atrelada a feições corpóreas e aos modos deterministas de nomear as mulheres apenas como objetos de uso masculino, em exigível submissão às normas sociais. Relegava-se ao desprezo o valor social e político da gravidez e parturição, pelas quais somente as mulheres poderiam povoar o mundo, segundo a descrição da *Politeia* platônica (Plat. *Rep.* Liv. V 460d). As violências de gênero, segundo Joan Scott, mantiveram-se ainda como fenômenos recorrentes, já que o gênero resulta de papéis de adequação de mulheres e homens e se refere a suas origens sociais de identidades subjetivas impostas ao corpo sexuado (Scott, 1990. p. 75). Bem se sabe, somente a partir do final dos anos 1960 é que teorias e grupos de ações feministas propuseram lutas sociais, assim como novas pautas acadêmicas e culturais para incentivar ações políticas públicas e exigir do Estado uma participação ativa no combate à violência contra as mulheres, em detrimento dos ditames da organização patriarcal da cultura em geral, questionando, assim, paradigmas históricos então existentes (Scott, 1990, p. 76).

Nesse sentido, quando da investigação de Euclides da Cunha acerca da Guerra dos Canudos, o ocultamento do valor da participação ativa das mulheres transparece com certa legitimidade social. A renúncia ao papel de protagonistas na narrativa da guerra, tal como se expressa em *Os Sertões*, é realçada tanto por certo repúdio e denegação da resistência das mulheres sertanejas, quanto por delimitar um espaço aberto de reserva axiológica que se tenta ocupar em várias feições interpretativas.

Não se pode deixar, inicialmente, de mencionar obras e estudos a respeito da invisibilidade do feminino na cultura, em que se ressaltam certos estigmas atribuídos às mulheres, os quais teriam sido mencionados por Euclides da Cunha. Possivelmente o estudo mais conhecido nesse sentido seja o de José Calasans (1959, 2002), devendo-se mencionar também os de Luzilá Ferreira (2002) e Anélia M. Pietrani (2018), entre outros. Neles se apuram algumas características de certo conservadorismo e de estereótipos acerca das mulheres em *Os Sertões*, apesar de ser esta uma obra monumental em termos literários e linguísticos e mesmo sociológicos e históricos acerca da Guerra de Canudos.

Anélia M. Pietrani, em *#Mulherpresente: existência e resistência em Os Sertões de Euclides da Cunha*, chega a precisar que, nas 500 páginas do livro, encontram-se somente 32 ocorrências do termo “mulheres”, apenas 7 vezes podendo ser encontrada a palavra “a mulher”,

havendo também um registro de “o mulherio”. No livro de Calasans, *As mulheres de Os Sertões* (1959, 2002), lê-se uma reflexão sobre a brava presença das mulheres sertanejas, que resistem ao conflito em Belo Monte, tal interpretação podendo ser tomada como uma primeira leitura crítica da forma como a tentativa de apagamento do protagonismo das mulheres sertanejas aparece na obra de Euclides da Cunha.

Fontes históricas atestam terem vivido no Arraial de Canudos, sob a liderança messiânica de Antônio Conselheiro, cerca de dezessete mil e trezentas mulheres, o equivalente a dois terços dos seus vinte e seis mil moradores, o que torna mais eloquente o desinteresse de Euclides da Cunha. Para analisar a questão, vale apelar para a Metodologia Histórica, amparada, contudo, pelo viés de Teorias Feministas, visando apurar o sentido desse apagamento das mulheres. Ademais, é importante enfatizar o uso de metáfora como figura de linguagem para que a produção de sentidos não se restrinja a simples simbologia figurada, mas a uma comparação em nível de profundidade. Assim torna-se relevante considerar a analogia entre as Mulheres e a Terra, com amparo nas teorias de Simone de Beauvoir ([1949], 1970) e de Silvia Federici (2017), sabendo-se, contudo, que as analogias somente podem ser utilizadas em função dos Estudos de Gênero e da *Teoria dos Efeitos* de Wolfgang Iser (1987). De fato, são muitas voltas que a Epistemologia Feminista provoca, pois o uso metafórico possibilita a transferência de significados de um termo a outro por meio de uma relação de semelhança, exigindo-se sempre que o clamor das mulheres possa ecoar em bases epistemológicas e não somente na forma do senso comum.

2 ENFOQUE CIVILIZATÓRIO EM OS SERTÕES

Ressalte-se um primeiro aspecto do tema, mesmo que de forma superficial: como *Os Sertões* desenha um complexo projeto de civilização que expressa o Brasil do final do século XIX em suas divisões e ambiguidades. Segundo Maria José de Rezende (2001), na narrativa de Euclides da Cunha evidencia-se o Brasil do litoral e o Brasil do Sertão. De um lado, o país que se pensava, com orgulho, depositário da civilização europeia; de outro, o país sertanejo que perseguia o projeto messiânico de Antônio Conselheiro.

Nesse outro Brasil, constata-se um movimento de resistência da parte de pessoas que, por serem marginalizadas, buscavam refúgio e dignidade sob a tônica da salvação religiosa e da organização comunitária, mas também fugindo da fome, da seca e da violência social. Cunha descreve a construção do arraial de Belo Monte como um projeto de sociedade religiosa e igualitária, criticada tanto pela Igreja quanto pelo governo republicano. De fato, *Os Sertões* mostra a violência do Estado na destruição de Canudos e a figura de Antônio Conselheiro como um líder carismático (Rezende, 2001, p. 203-204). Em resumo, o projeto messiânico de Antônio Conselheiro revela-se um fenômeno complexo, em que se misturam fanatismo, misticismo popular e as condições adversas da terra e do sertão nordestino.

De certa angulação interpretativa, Euclides da Cunha compreendia que o messianismo de Conselheiro não era um fato isolado, mas um produto advindo das circunstâncias sociais, econômicas e geográficas do sertão. A aridez da paisagem, a miséria da população e a exclusão dos sertanejos propiciaram um ambiente favorável à fé e à busca por um líder salvador, conforme o entendimento de Rezende (2001, p. 207). Certamente, num contexto de hostilidades, sejam da natureza, sejam do Estado, a palavra do Conselheiro infundia esperança para os deserdados da terra.

O massacre de Canudos parecia justificado porque, no cenário político do final do século XIX, as pessoas que lá se congregavam eram consideradas bárbaras, termo que nos remete à divisão dos gregos antigos entre eles próprios – supostamente civilizados, cultos e destemidos – e os *outros*, os não gregos, não civilizados nem cultos, sequer éticos, como menciona Platão em *A República* (Plat. Rep. Liv. V. 469c; 471b). Também no arraial de Canudos viviam os

outros, os bárbaros, que recebem o peso do massacre como desfecho da barbárie. A diferença com a tradição grega é que o seu projeto civilizatório se sustentava também em propostas pedagógicas e sobretudo filosóficas, e não apenas em imposição política e bélica da parte do Estado. Entre *Nós e os gregos* há laços culturais indelévels, conforme Brandão (2000). No confronto dos Canudos, os *outros* não são apenas os sertanejos, mas de modo destacado também as mulheres, que se realçam como o *outro* do *outro*, nem mencionadas, nem referenciadas como protagonistas, presentes apenas em simples relatos tomados como base, sobretudo, do que Euclides da Cunha julgava ser o pensamento de Antônio Conselheiro, conforme Pietrani (2018, p. 108), e o seu próprio entendimento enquanto autor, assentado em moldes positivistas, militaristas e tradicionais.

A indagação a respeito do acontecimento histórico, de acordo com Pietrani e Rezende, é se Canudos teria sido um projeto civilizatório ambigualmente imaginado, visando a refazer aspectos da identidade e da nacionalidade do Brasil. Tal indagação leva a outra, projetada para uma concepção plúrima e não centralizada de Brasil, a qual reforça certa ambivalência interpretativa: de qual Brasil se tratava? Estariam sendo enfrentadas pessoas do interior baiano, com seus atributos mais específicos, as quais possivelmente nada trariam da linhagem identitária europeia, conforme indagação de Cunha (1995, p. 7-8), cuja noção de civilização se distanciava da realidade brasileira, em especial, da realidade dos sertanejos? E, por sua vez, a suposta civilização que rechaçava Canudos se sentia autorizada por se fundar em paradigmas europeus?

De acordo com interpretações do acontecimento (Barros, 1998) e da obra *Os Sertões* (Galvão, 1980), Canudos era uma outra civilização específica, não europeia. A sua destruição significaria a aniquilação de certas características e modos de vida para que a aceitação dos modelos sociais europeus se mantivesse valorada. Contudo, definir qual seria o projeto de civilização dos habitantes das caatingas, seres destemidos, mas também simplórios, apenas poderia contentar certa ala social, cujas especificidades estavam sendo construídas em Belo Monte (Rezende, 2001, p. 203). Pelo viés de historiadores e sociólogos (Hardman, 1996; Queiroz, 1989), a interpretação de Euclides da Cunha ressalta antes uma concepção de civilização desconexa, sem fundamentos da identidade social almejada pela estrutura de poder republicano ao final do século XIX. Ademais, segundo Hardman, apesar de sua forma exuberante, o texto de Cunha sustenta-se num “sentimento trágico da solidão humana no mundo e em sociedade” (Hardman, 1996, p. 294), não sendo a história nada mais que um *sucedêr de ruínas*; uma ruína do projeto civilizatório. Acrescente-se, enfim, que as análises de Cunha se constroem também como narrativas críticas, deixando aos leitores um leque de possibilidades interpretativas e indagativas.

3 A DELIMITAÇÃO ANTROPOLÓGICA NA TERRA: DE DESTEMIDOS SERTANEJOS ÀS BRUXAS DESCONCERTANTES

Na *Nota Preliminar*, já nas primeiras páginas do livro, Euclides da Cunha apresenta assim os traços identitários daqueles reunidos na comunidade de Belo Monte: “o *jagunço* destemeroso, o *tabaréu* ingênuo e o *caipira* simplório” (Cunha, 1995, p. 7). Como se vê, tanto se desenha um perfil masculino, com tipos humanos machos, quanto se constata a lacuna do feminino enquanto um não-ser, algo pouco relevante, um vazio de voz e de imagem, que deixa o registro aberto. Apesar de quantitativamente numeroso, sua figuração ativa da mulher não se chama a atenção do autor de *Os Sertões*; suas ações não ressoam como de relevo nos acontecimentos trágicos que marcaram a história do sertão.

Em *Presença das mulheres em Canudos*, Luzilá Ferreira (2002, p. 369) problematiza, com suspeita, o silêncio de Euclides da Cunha: eram elas sertanejas e igualmente guerreiras, ao

modo feminino de ser, e contribuíram para a defesa do arraial com bravura, sob a liderança de Antônio Conselheiro. Mesmo que os paradigmas de armas e lutas não fossem os mesmos utilizados pelos homens, seu papel não era de passividade. Assim, parece proposital que sua força e coragem precisassem ser desconsideradas e mitigadas em relevo fático. Contudo, logo após a primeira parte do livro, em seguida à descrição da terra (em seus aspectos geográficos e topográfico), mesmo que com certa tonalidade tímida e esparsa, pode-se depreender que um traço das mulheres, a que se empresta pouca importância na ação, está em ocuparem lugares marginais naquela comunidade. Vale mencionar que ser marginal teria sido em Belo Monte sinônimo de ser resistente. Contudo, à margem da marginalidade, restaria a tais mulheres apenas o lugar de *outro* do *outro*, de indefinição e de não lugar. Na obra em análise, as mulheres aparecem sem muita importância, secundarizadas e não mais que figuras submissas e emudecidas, apresentadas “num estado de miserabilidade bem maior que a condição dos homens do arraial”, conforme entendimento de Marluce Freitas de Santana (2022, p. 479). Por sua vez, Luzilá Ferreira (2002, p. 368) chama atenção para a forma descritiva da obra, para os efeitos da formação “militarista e patriarcal” que ressoam no texto euclidiano, iluminando o véu de invisibilidade proposital das mulheres sertanejas; estas são desterradas do relevo fático de Canudos, num processo de proposital apagamento da memória histórica da presença feminina.

Desde a primeira referência às mulheres, pode-se captar em *Os Sertões* um desvio do olhar autoral. Ao invés de focar nas ações, a escrita se volta para a reificação dos corpos femininos, transfigurados para estar à disposição de usos e interesses coloniais. As mulheres se entendem como corpos sexuados, que despertam receios, desejos, falhas e distorções. Isso implica retomar toda uma linhagem de mitos ocidentais, sejam bíblicos, sejam dos antigos gregos, que fazem ressoar uma carga de culpa sobre a figura do feminino. Nessa tradição literária e jurídica, que se inaugura no Ocidente há cerca de dois mil e quinhentos anos, a figuração do feminino na cultura se reveste de cores e matizes confusos.

Simone de Beauvoir ([1949], 1970) investiga em minúcias esse percurso cultural, trazendo à tona inúmeros exemplos do feminino marcado pela cicatriz de emblemas míticos ocidentais: “Desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro” (Beauvoir, 1970. V. I. p. 179). Tal condição parecia servir de imediato os interesses dos homens e, acima de tudo, a suas pretensões *morais* e *ontológicas*, como se para a afirmação do eu-sujeito de si mesmo fosse preciso criar um *outro*, negando-lhe a reciprocidade axiológica da vida. Segundo ela, “os mitos da criação exprimem essa convicção preciosa do macho e, entre outras, a lenda do Gênesis que, através do cristianismo, se perpetuou na civilização ocidental” (Beauvoir [1949], 1970, V. I. p. 181). Na dimensão mítica, a mulher se apresentava como o *inessencial* que não faz o trajeto de volta à condição de essencialidade, permanecendo como o *Outro absoluto*, sem reciprocidade. Em termos bíblicos, Eva seduz a figura masculina e leva seu companheiro ao pecado original e à consequente expulsão humana do paraíso. Para os gregos, ao abrir a caixa proibida Pandora deixa escapar no mundo os vícios, tornando-se emblema da carga de culpa que pesa sobre as mulheres por sua curiosidade, sua imaginação e desejos incontidos.

Também Euclides da Cunha, de forma implícita ou nuançada parece reforçar essa dicção patriarcal, justificando na criação do imaginário sobre Canudos, uma relação de não simetria entre mulheres e homens, para conceder aos varões um teor viril e resistente.

Conforme o entendimento de Marluce Freitas de Santana, (2022, p. 482), Euclides da Cunha acentua pejorativamente as características físicas das mulheres como pessoas feias e horripilantes, visando emoldurá-las numa certa estereotipia e referencial axiológico em que transparecem sinais de misoginia. As descrições negativas induzem a uma recepção desagradável de tais figuras, “agrupamentos bizarros” de mulheres, em contraste com os

homens, referidos como grupo varonil: “As mulheres eram, na maioria, repugnantes. Fisionomias ríspidas, de viragos, de olhos zanagas e maus” (Cunha, 1978, p. 404).

Contudo, no esboço das mulheres, adjetivos clamam por ressignificações e releituras. Na descrição das “beatas, êmulas das bruxas das igrejas”, todo um conjunto de significados se ressalta. De acordo com as pesquisas de Cláudia Ramos, as lutas em Canudos não se fazem distantes de um ideal de justiça perseguido ao longo da história, visando-se tanto produzir outras vias de sociabilidade no seio da comunidade, quanto se abrir-se a outras relações sociais para além da permissão delimitada pelo Estado brasileiro. Evidencia-se na comunidade de Belo Monte expressivo desejo dos sertanejos de Antônio Conselheiro de redefinirem a subjetivação e exploração existentes na República, que parecia demonstrar em seus paradigmas os fundamentos históricos da colonização, desde a escravização de povos, raças, etnias, quanto, sobretudo, ao processo de expansão do sistema capitalista em seu modo de organização econômica (Ramos, 2023, p. 17).

Se em *Os Sertões* não há relação da luta de Canudos com outras lutas travadas na história em prol de justiça social, em que se apontam também os crimes do Estado, não passa despercebida a crítica que vai sendo criada na narrativa euclidiana ao caráter hostil imposto pelo Estado à comunidade de Belo Monte. Contudo, no âmago das descrições que vão dando um contorno de heroísmo ao movimento, Cunha não deixa de atribuir às sertanejas o designativo de *bruxas*, em especial, diante da presença de “uma megera assustadora, bruxa rebarbativa e magra- a velha mais hedionda talvez destes sertões”.

A significativa referência a *bruxas*, em que, segundo Ramos (2023, p. 21-22) transparece a história dos desejos e força das mulheres do campo, impele a análise de Silvia Federici, em especial em *Calibã e a bruxa*, segundo a qual o vocábulo *bruxa* equivale a um dispositivo de condenação da participação das mulheres na vida social no campo (Federici, 2017, p. 202). Para que o capitalismo pudesse dispor da força de trabalho dos homens, as forças políticas e econômicas que se beneficiavam desse modo de exploração precisaram destruir a economia coletiva do campo e isolar as mulheres na vida doméstica. Neste sentido, dizê-las *bruxas* demarca-se tanto pelo histórico de luta contra a constituição do capitalismo, quanto pelo desejo das camponesas de continuarem participando ativamente da vida coletiva.

Por outro lado, as análises de Silvia Federici ajudam a compreender que se pode perceber uma íntima relação entre a condenação das mulheres camponesas insurgentes e o olhar do colonizador que acompanha os intentos do Estado republicano na destruição de Belo Monte. Eis que Euclides da Cunha traz à sua narrativa esse transitar em várias projeções que vão ganhando fôlego à medida em que ele parece compreender a profundidade heroica dos atos dos sertanejos em Canudos. Uma primeira impressão das pinceladas sobre a tela descritiva de *Os Sertões* apenas demonstra como parecia desproposital e inusitado que também as mulheres pudessem ali se destacar na luta contra a hostilidade destrutiva do Estado. Desde a sua caça na Europa até o confronto em Canudos, as mulheres denominadas *bruxas* são aquelas que não aceitaram ficar encerradas na vida doméstica, visando transformar suas ações em força de trabalho para o novo sistema social e econômico.

Nas análises de Silvia Federici, no estudo acerca da transformação do corpo social de classes que se viam como subalternizadas por meio de nova disciplina do trabalho desde o final do século XVI, são ali impostos modelos rigorosos de vida nas terras desapropriadas. Na Inglaterra, a burguesa responde por meio das *Leis Sangrentas*, que passam a regular o comportamento das classes mais baixas economicamente, levando também milhares de pessoas à força. Afinal, escreve Federici, parecia haver total incompatibilidade do saber e magia daquelas bruxas com a disciplina de trabalho capitalista e com a exigência de controle social, como uma das razões pelas quais o Estado lança uma campanha de terror contra a magia (Federici, 2017, p. 261). De fato, uma tentativa de apagamento da diferença das mulheres.

De acordo com Ramos (2023, p. 32), toda densa rede histórico-semântica associada ao termo *bruxa* surge, mesmo que anacronicamente, no uso que o narrador euclidiano faz da acusação de bruxaria e heresia às mulheres de Canudos. Ao nomeá-las como *bruxas* e *hereges*, parece fazer ressoar o histórico de lutas femininas em prol de novas formas deontológicas na esfera político-social. Contudo, nas profundezas das águas da narrativa, as teorias da chamada *Estética da Recepção* não deixam de apontar os *efeitos* do texto (Iser, 1987): se ao discurso euclidiano subjaz o discurso cientificista do século XIX, no qual a subjugação do feminino deve sustentar o papel social das mulheres na história, a condenação das *bruxas* nunca se fez isenta de ambiguidades valorativas em termos de justiça e convicção interpretativa sobre seu alcance e entendimento.

Seus *efeitos* ressoam em novas projeções ao longo da história. Euclides da Cunha pode, portanto, ser lido como um autor que vislumbra tensões na representação das sertanejas massacradas na guerra. Não se pode deixar de evidenciar na sutileza do seu texto a força que tais mulheres demonstram, inclusive como modo de afetação da narrativa, tornando o discurso oscilante entre “a empatia e a condenação, o horror e o maravilhamento, o desconcerto e a amplitude da observação”, conforme Ramos (2023, p. 38). Sem dúvida, uma força que enfeitiça e ameaça os traçados de encantamento da civilização ocidental.

Embora o projeto inicial de *Os Sertões* tenha sido delimitado entre *sertanejos* e *jagunços*, o alcance das mulheres *bruxas* faz ecoar para além da visibilidade aparente, o refinamento do texto euclidiano, que se atualiza a cada nova leitura. É que, conforme Wolfgang Iser, todo texto apresenta *espaços vazios* possíveis de serem interpretados, não havendo um direcionamento único e conclusivo prescrito por seu autor (Iser, 1987, p. 11). Sempre há um referencial a ser completado e isso conduz a diferentes atitudes da parte de quem lê e interpreta.

4 ANALOGIAS REITERADAS: A TERRA E AS MULHERES EM CANUDOS

À obra épica *Os Sertões*, diante dos impactos de hostilidade na vida da comunidade sertaneja, torna-se necessário direcionar um novo alcance investigativo, desta vez, sustentado na relação metafórica entre as Mulheres e a Terra. Ao investigar as condições de vida no cenário daquela região, Cunha ressalta os detalhes e minúcias dos impactos da terra, em que se mesclam descrições geográficas, topográficas, sociais, raciais e culturais. Em especial, a inospitalidade da terra parecia ao nosso autor um dos elementos mais evidentes e propiciador de um tipo de ação e de pensamento próprios de algumas regiões do interior do país. A divisão entre “homens do litoral” e “homens do interior” ecoa como algo convencionalizado nas possibilidades interpretativas acerca da base sociológica naquele momento histórico no final do século XIX, conforme entendimento de Rezende (2001, p. 219).

Para a cientista social, a descrição de Euclides da Cunha apresenta a *paisagem física* como derivada de sua compreensão da *paisagem social* (Rezende, 2001, p. 204), havendo a intenção de demonstrar como a degradação no plano físico é análoga à degradação social e etnográfica. Ressoam nas entrelinhas as condições sociais e políticas quando a descrição recai sobre a terra; reitera a autora: “A ideia de força e de violência aplicada à constituição da paisagem física tinha fundamento na paisagem social” (Rezende, 2001, p. 206).

Na extensa primeira parte do livro ressalta-se a força das plantas do sertão, meio ao clima difícil e às constantes secas, entre outras adversidades, o que configura espécies de plantas especiais, “aquelas que se unem, intimamente abraçadas, transmudando-se em plantas sociais” (Rezende, 2001, p. 206). As caatingas dão as cores secas do sertão.

Então, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma *estepe* nua. Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas. Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e

estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças (...) (Cunha, 1978, p. 38).

Simultaneamente, sua narrativa dá a entender que a resistência dessas plantas se assemelhava à resistência dos sertanejos que se mostraram capazes, no decorrer dos séculos, de sobreviver a todas as agruras e inclemências físicas, força aliás incompreensível para os brasileiros da cidade e do litoral.

A força da terra é, contudo, expressiva na metáfora criadas em seu entorno. Ora, a Terra, tanto segundo modelos míticos, quanto de teóricas feministas, em especial da Segunda Onda feminista, como Simone de Beauvoir, equivaleria justamente à figuração das mulheres, à mãe-terra, a terra-mãe, aquela que dá vida e que engole de volta a vida, reduzindo-a a cinzas. A terra é o signo maior, de vida e morte, mas tem a figuração feminina de algo que detém tanto o poder realmente mágico de doar vida, quanto o de atribuir morte.

E a terra, aquela incomparável terra que mesmo quando abrangida pelas secas, desnuda e empobrecida, ainda lhe sustenta os rebanhos nas baixadas salinas dos barreiros, ampara-o de idêntico modo ante as exigências da vida combatente (...) (Cunha, 1978, p. 170-171).

Desse ponto de vista, se há uma evidente denegação do feminino na escrita de Euclides da Cunha, evidencia-se, de forma ambígua, a exaltação, o temor e o peso da terra, como algo imprescindível e também atordoante, assim como a guerra que parecia dar sentido a todas as formas de combate descritas em *Canudos*, a fome, a seca, as hostilidades continuadas.

Se a inospitalidade da terra reflete uma demarcação radical enquanto um dos elementos constituintes da vida própria de algumas regiões do interior do país, assim também a figura das mulheres se mostra instigante, sempre veladas e afastadas das narrativas dos atos heroicos. Em toda a obra, há certa cadência da presença masculina e da ausência feminina nos relatos de *Os Sertões*.

Entretanto, no desfecho das batalhas ao relatar a crueldade dos últimos dias da guerra, demonstra-se a ambiguidade da situação histórico-social, em que terra dos jagunços e silenciamento sobre as mulheres sertanejas se juntam na narrativa atônita de Euclides da Cunha. Na crueldade da guerra que avança sobre as terras sertanejas, os soldados degolavam e estripavam os que ousavam sobreviver ao massacre imposto do modo mais bárbaro possível. A reação dos sertanejos ganha cada vez mais uma feição de respeito na narrativa euclidiana, pois "permaneciam mudos, estoicos, inquebráveis. Pareciam ressurgir das cinzas" (Cunha, 1978, p. 465). Eis que jagunços se elevam a uma condição heroica, firmados na terra sertaneja: "Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo" (Cunha, 1978, p. 476).

Os ataques dos canhões e das bombas de dinamite tentaram aniquilar a geografia física e humana do povoado; contudo, a resistência dos sertanejos fez com que, ao invés do apagamento, pudessem ser os jagunços soerguidos a atos de heroísmo histórico: "Os sertanejos invertiam toda a psicologia da guerra: enrijavam-nos os reveses, robustecia-os a fome, emperderna-os a derrota" (Cunha, 1978, p. 464).

Como já salientado, em tais narrativas épicas, mesmo que em seu teor de ambiguidade axiológica, a figuração ativa do feminino não se realça claramente. Há um apagamento, de certa forma proposital, supostamente para que os efeitos da descrição da guerra não sejam enfraquecidos com emoções ou sentimentos femininos que poderiam pôr em risco o propósito messiânico de Antônio Conselheiro e a resistência dos sertanejos. Vez ou outra o olhar atônito

do narrador choca-se com vultos femininos: agonizantes os vencidos, mas firmes na batalha final em prol da terra e de suas figurações de valor,

Via-se indistinto entre luaréus um convulsivo pervagar de sombras: mulheres fugindo dos habitáculos em fogo, carregando ou arrastando crianças e entranhando-se, às carreiras, no mais fundo do casario; vultos desorientados, fugindo ao acaso para toda a banda; vultos escabujando por terra. Vestes presas das chamas, ardendo; corpos esturrados, estorcidos, sob tições fumarentos... (Cunha, 1978, p. 465).

Mesmo que transitando nesse não-lugar reservado às dezessete mil mulheres que lutaram em Canudos, elas transparecem de forma incômoda: na figuração do *outro* em sua expressão histórica acerca do valor da terra, na crueza da guerra, na adversidade da vida. No ponto crucial, a voz do narrador de *Os Sertões* assim se refere às sertanejas de Canudos, quase ao final da Guerra:

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se na fogueira dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?... (Cunha, 1978, p. 476).

As mulheres que se atiram na fogueira com seus filhos, em gestos de bravura e de autonomia, demonstrando ao inimigo que escolhem como viver e como morrer na terra das caatingas, foram destruídas pela arbitrariedade do poder. Entretanto, na especificidade dessas mulheres, o enfrentamento penoso e violento da morte reluz no texto de Euclides da Cunha como abalo e impotência na escrita. As mulheres de Canudos enfrentaram com tenacidade as redes hostis de injustiça social e política, e foram aniquiladas de maneira calamitosa pelas forças do Estado republicano; na escrita de Cunha, a força que atravessa essas mulheres, articulando-as com uma série histórica de lutas, não emerge de maneira explícita, mas somente por caminhos tortuosos entre as veredas sertanejas. A terra e as mulheres realçam-se em passagens desconcertantes como mito e realidade se confundem nas profundezas do sertão.

5 FINALIZANDO A ANÁLISE

A estrutura de *Os Sertões*, dividido em *A Terra*, *O Homem* e *A Luta*, indica o relevo da terra como um elemento fundamental que molda o homem – viril e masculino – e o torna resistente às situações de enfrentamento das penosas condições de vida. Em analogia, as mulheres da comunidade de Belo Monte, mesmo não aparecendo como protagonistas da epopeia de Euclides da Cunha, só se revelam obliquamente. Estudos recentes (Ferreira, 2002; Pietrani, 2018; Santana, 2022, Ramos, 2023) buscam problematizar a representação feminina em *Os Sertões*, argumentando que a razão da ausência pode estar justamente no fato de aquelas mulheres não se encaixarem no papel passivo tradicional. Elas estavam ali povoando a terra, acompanhando a labuta sertaneja em meio aos homens de Canudos. Morreram bravamente ao lado de seus homens e filhos.

Ademais, a terra como alegoria das mulheres, traz em sua noção basilar o sentido de um arquétipo feminino, relacionado à fertilidade, à resistência e à sobrevivência, o que torna a comparação entre as mulheres e a terra uma metáfora poderosa para entender seu papel na Guerra de Canudos. Nas leituras feministas, tal obra, que parece mascarar o papel das mulheres, mostra nas entrelinhas sua função de resistência à violência cultural: se a terra é descrita como um espaço castigado pela seca e hostil à dominação que os homens impõem à natureza e a sua própria e íntima natureza, é justamente na metáfora da terra ligada às mulheres que sobressaem outras conotações e, sobretudo, a crueza da relação entre vida e morte.

Ao final, as mulheres resistem até mesmo às imposições da história, inclusive às sutilezas do silenciamento da narrativa euclidiana.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Canudos na perspectiva científica. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 159, n. 398, p. 319-329, jan/mar 1998.
- BACH, Ana Maria. Fertilidad de las Epistemologías Feministas. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 38-56–1º sem. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/7176/6629>
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. v. I. Fatos e Mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. Nós e os gregos. In: MARQUES, H. **Os gregos**. Belo Horizonte: Autêntica, PUC Minas. 2000. p. 29-44.
- CALASANS, José. As mulheres de *Os Sertões*. In: CALASANS, José. **No tempo de Antônio Conselheiro**. Salvador: Livraria Progresso; Universidade da Bahia, 1959. p. 7-23.
- CALASANS, José. As mulheres de *Os Sertões*. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 189-197. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/O_Clarim_e_a_oração/sSQ7W2jUNIAC?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=CALASANS,+Jose.+As+mulheres+de+Os+sertões.%C2%A0&pg=PA189&printsec=frontcover
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Presença das mulheres em Canudos. In: FERNANDES, Rinaldo de. **O Clarim e a Oração: Cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 367-377.
- GALVÃO, Walnice N. (Org.). **Euclides da Cunha: história**. São Paulo, Ática, 1980, p.7-37.
- HARDMAN, Francisco F. Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides. **Estudos Avançados**. V. 10, n. 26: p. 293-310, janeiro-abril, 1996. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/8929>
- ISER, Wolfgang. **El acto de ler**. Trad. de J. A. Gimbernat. Madrid: Taurus, 1987.
- PLATÃO. **A República**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000. Livro Aberto.

PIETRANI, Anélia Montechiari. MulherPresente: existência e resistência em Os Sertões de Euclides da Cunha. **Revista Léguas & Meia**. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana Feira de Santana, v. 09, n. 1, p. 106-118, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/4543/4630>

QUEIROZ, Maria Izaura P. de. Desenvolvimento das ciências sociais na América Latina e a contribuição europeia: o caso brasileiro. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 4, n.4, p. 387-388, 1989

RAMOS, Cláudia de Socorro Simas. Mulheres em Os sertões, de Euclides da Cunha: bruxas anônimas, irrepresentáveis? Tese de doutoramento. **PPG do Centro de Educação e Humanidades Instituto de Letras** da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023.

Disponível em: [https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/21019/2/Tese%20-](https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/21019/2/Tese%20-%20Cláudia%20de%20Socorro%20Simas%20Ramos%20-%202023%20-%20Completa.pdf)

[%20Cláudia%20de%20Socorro%20Simas%20Ramos%20-%202023%20-%20Completa.pdf](https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/21019/2/Tese%20-%20Cláudia%20de%20Socorro%20Simas%20Ramos%20-%202023%20-%20Completa.pdf)

REZENDE, Maria José de. Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil. **Tempo Social**. V.13, n. 2 • Nov. 2001. p. 201-226. Disponível em:

<file:///Users/magdagadalupe/Downloads/edisonbertoncelo,+v13n2a11.pdf>

ou ainda:

<https://www.scielo.br/j/ts/a/qX6SVG8yVfG4KfHTWQKpYvq/?format=html&lang=pt>

SANTANA, Marluce Freitas. Existências de mulheres renegadas em “Os Sertões” de Euclides da Cunha. **Anais do Seminário de Pesquisa do DLL.ARTES 2022.1 — Fábrica de Letras**. p. 469-487.

SCOTT, J. W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, vol. 91, no 5. (Dec., 1986), p. 1053-1075. Disponível em:

<https://www.ihp.sinica.edu.tw/~tangsong/reference/96102601.pdf>

SCOTT, Joan. Gênero. Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, vol.1. n. 2, jul./dez. 1990. Disponível em:

<http://www.clam.org.br/uploads/publicacoes/Genero%20-%20Joan%20Scott%5B1%5D.pdf>